



VOZ DA FÁTIMA

Rezem o Terço todos os dias,
para alcançarem a paz para o
mundo e o fim da guerra.

Palavras de Nossa Senhora em Maio

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 2336
Composto e Impresso nas Oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XXXIV — N.º 404
13 de MAIO de 1956

Avença

Celebra-se agora o 25.º Aniversário da Consagração Solene de Portugal ao Imaculado Coração de Maria

13 de Maio de 1917

Há 39 anos que a charneca da Fátima, de aspecto árido, oferecendo o panorama desconfortante de uma vegetação raquítica desabrochando retorcida por entre frágidos e espinhosas carrasqueiras, recebia a semente que havia de ser ubérrima em flores e frutos de graça. Poisando suas plantas «sobre os braços da azinheira», a Mãe de Deus estabelecia um contacto misterioso da terra com o Céu. Ela revelava aos zagaletes de Aljustrel a Mensagem que, transmitida por crianças humildes, rudes e iletradas, havia de luzir do Ocidente para o Oriente e curvar as grandezas humanas para esta nova Belém, onde o Céu vinha mitigar a fome da Humanidade faminta.

Tal como na visão de Patmos, Nossa Senhora surgira ante o olhar dos Pastorinhos aureolada de sol. Envolvia-A uma nuvem misteriosa, vista por crentes e descrentes, como a que Elias fizera subir do Jordão para fecundar o solo gretado de Galaad.

Debatiam-se as nações em horrorosa conflagração mundial, para que o pequenino Portugal de então dera, num esforço generoso, a carne e o ardor da sua juventude.

A Igreja, mãe carinhosa e mestra infalível da verdade, jazia entre ferros de escravidão nesta Pátria querida,

Terra de Santa Maria, que nos áureos tempos de conquistas e evangelizações se guindara tão alto no conceito universal.

O diálogo da visão com os Pastorinhos foi breve, e a voz da revelação luziu num relâmpago fugaz e não ecoou pelas quebradas pedregosas, como no Sinai. Porém os Corações Santíssimos de Jesus e Maria tinham os olhos poisados naquelas crianças e neste lugar. Deus continua a exaltar os humildes e a derrubar os poderosos dos seus assentos, como cantou a Virgem de Nazaré no seu «Magnificat».

13 de Maio de 1931

O Episcopado Português veio pela primeira vez oficialmente à Fátima. O Senhor Bispo de Leiria tinha declarado em 1930 autênticas as Aparições. Em acção de graças da Nação, o venerando Episcopado Português sobe ao planalto da Serra d'Aire e consagra ao Coração Imaculado da Mãe de Deus, na oração mais veemente e sentida, este torrão que é d'Elá há muitos séculos — Terra de Santa Maria!

«Nossa Senhora da Fátima, que vos dignastes descer à nossa terra... que aqui vos manifestastes a olhos inocentes sob a triplice invocação de Senhora do Rosário,

das Dores e do Carmo... Nós, os Pontífices do vosso povo, sentimos rugir em torno a procela temerosa que ameaça dispersar e perder o rebanho fiel dos que vos bendizem por serdes a Mãe de Jesus, e aflitos erguemos para o vosso Filho as mãos suplicantes, gritando-Lhe: Salva-nos, Senhor, que perecemos!... Intercedei por Portugal, Senhora, nesta hora gravíssima em que sopram do Oriente ventos furiosos...»

Como declarou Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca na alocação que nessa hora dirigiu às centenas de milhar de peregrinos presentes na Fátima, «a consagração de Portugal inteiro que os Pastores reunidos aqui fizeram, foi complemento da consagração feita três anos antes ao Santíssimo Coração de Jesus».

13 de Maio de 1956

Dobam-se cinco lustros desde o dia memorável em que os Bispos de Portugal consagraram a Nação ao Coração Imaculado de Maria. O Eminentíssimo Cardeal Roncalli, Patriarca de Veneza — Cátedra ilustrada por S. Pio X, o Papa da Eucaristia — presidirá às cerimónias comemorativas deste jubileu particularmente festivo, em que representantes de todas as nações do orbe hão-de participar.

Já não é apenas Portugal inteiro que ajoelha e reza na santa montanha das Aparições; os demais povos, neste quadrante da história tão cheio de interrogações e dolorosas perspectivas, acorrem dos grandes centros da Europa, dos palmares da Índia, das flageladas regiões asiáticas, bem como das vastidões do Continente Negro, das florestas do Novo Mundo e das Ilhas dispersas da Oceânia, trazendo luzidas embaixadas, cada vez mais numerosas, vindo depor aos pés da Rainha da Paz seus preitos de homenagem, seu tributo de amor, suas súplicas ardentes. TE DEUM LAUDAMUS!

Faleceu a mãe dos Videntes Francisco e Jacinta

Faleceu no dia 3 de Abril, em Aljustrel, freguesia da Fátima, a Sr.^a Olímpia de Jesus Marto, mãe dos videntes Francisco e Jacinta. Tinha 86 anos e havia mais de um que ficara parálitica do lado esquerdo, movendo-se apenas num carrinho de rodas.

A bondosa senhora deixa quatro filhos, numerosos netos e alguns bisnetos. Seu marido, o Sr. Manuel Pedro Marto, os filhos e duas noras, assistiram aos últimos momentos da Sr.^a Olímpia.

Na residência da falecida estiveram, logo após a sua morte, vários sacerdotes da Cova da Iria.

No dia 4 (que era o aniversário da morte do Francisco) celebrou missa de corpo presente o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo Auxiliar de Leiria. Assistiram o viúvo, os filhos e os netos da falecida e outras pessoas da localidade. O corpo foi depois trasladado para a igreja paroquial da Fátima, onde no dia 5 celebrou missa também de corpo presente Mons. Manuel Marques dos Santos, com a assistência do Senhor Bispo Auxiliar.

O piedoso acto teve a presença de centenas de pessoas, vindas de Lisboa e outros pontos do País, entre as quais se notavam muitos representantes de todas as obras católicas da Diocese, das Ordens e Congregações religiosas estabelecidas na Fátima, do Cabido da Sé de Leiria, do Clero diocesano, etc.

Logo que terminou a missa solene, cantada por um grupo de sacerdotes da Diocese de Leiria, o funeral saiu da igreja com grande acompanhamento.

A urna ficou num coval aberto aos pés do pequeno monumento que assinala o local onde estiveram os restos mortais dos dois peque-



ninos videntes. Tomaram parte no funeral as irmãs da Lúcia, sobrinhas da falecida.

O túmulo da Sr.^a Olímpia ficou coberto de flores e muitas pessoas ajoelharam e oraram ante ele, assim como do que foi dos Servos de Deus, Francisco e Jacinta.

O Sr. Marto, que tem 84 anos, revelava admirável resignação, que foi notada por toda a gente.

A «Voz da Fátima» apresenta sentimentos à Família, de modo especial ao Sr. Manuel Marto, oferece orações e pede as de todos os seus leitores pelo eterno descanso da querida defunta.

Dados Biográficos do Cardeal Patriarca de Veneza

O Cardeal Angelo-José Roncalli nasceu na Lombardia (Itália), a 25 de Novembro de 1881. Fez os estudos superiores em Roma, onde se doutorou em Teologia e foi ordenado no dia 10 de Agosto de 1904. A seguir foi nomeado professor do Seminário Maior de Bérgamo e secretário particular do Prelado da Diocese.

Em 1916 era nomeado assistente dos estudantes da sua cidade. Foi ainda capelão militar. Chamado a Roma em 1918, ocupou-se de assuntos missionários, foi nomeado presidente do Conselho Central da Propagação da Fé na Itália e depois eleito membro do Conselho Superior da mesma obra, em Julho de 1922. A 3 de Março de 1925, Mons. Roncalli, com menos de 44 anos, era eleito Arcebispo titular de Areópolis da Palestina e, a 19 do mesmo mês, recebia em Roma a sagração episcopal, das mãos do Cardeal Tacci. No mesmo dia era designado Visitador Apostólico na Bulgária, e nomeado Delegado Apostólico em 16 de Outubro de 1931. Em 15 de Novembro de 1934 ocupava o mesmo cargo na Turquia e na Grécia e tornava-se Administrador do Vicariato Apostólico de Constantinopla. Em Istambul teve como secretários Mons. Dellacqua, actual substituto da Secretaria de Estado do Vaticano, e Mons. Righi, hoje Conselheiro da Nunciatura Apostólica em Lisboa.

Em 30 de Novembro de 1934, era nomeado Arcebispo Titular de Messembria. Dez anos depois ficou encarregado da Nunciatura Apostólica em Paris.

Em 1953 era criado Cardeal, sendo, pouco depois, nomeado Patriarca de Veneza.

Sua Eminência o Cardeal Roncalli, além de grande diplomata, foi também observador permanente da Santa Sé junto da UNESCO.

Tem publicado várias obras e é orador fluente e de grandes recursos.

Além do seu Secretário, acompanham o insigne Purpurado Mons. Augusto Gianfranceschi, Bispo Auxiliar de Veneza, e Mons. José Pronti, Bispo de Nocera Umbra.

Peregrinação de 13 de Abril

No mês de Abril, costuma a Primavera estardear suas naturais galas e receber sob ondas de sol e de perfumes dos campos os romeiros da Fátima. Não foi assim este ano. O céu mantivera seu cariz hibernal, deixando cair fortes bátegas que enchavam todo o recinto. Apesar da temperatura agreste, realizaram na véspera a procissão das velas e hora de velada eucarística numerosos peregrinos, cerca de 400, da Empresa de Pesca de Aveiro, com estaleiros e secagem de bacalhau na Gafanha da Nazaré. Vieram mais uma vez implorar a protecção de Nossa Senhora da Fátima para a arriscada faina nos bancos da Terra Nova e mares da Groenlândia. Acompanhavam-nos o seu Pároco e outros sacerdotes da Diocese de Aveiro. Na manhã do dia 13 tiveram estes peregrinos sua Missa privativa, na Basílica, abeirando-se muitos deles da Sagrada Comunhão com edificante compostura e piedade.

No decorrer da manhã sucederam-se as Missas na Basílica e capelas do Santuário. Como habitualmente, às 10,30 rezou-se o terço na capela das Aparições, rodeada então por milhares de peregrinos, vindos muitos deles de terras e nações longínquas. Estava um grupo de crianças enfermas do Sanatório de S. João de Deus, de Córdova (Espanha) acompanhados de seus enfermeiros, Religiosos de S. João de Deus. Ainda um grupo de franceses, de Bertholène (Aveyron) que, chefiados pelo Rev. P.º Auguy, seu Pároco, permaneceram no Santuário durante quatro dias e levaram para a igreja das Religiosas do Bom Socorro, em Paris, uma bela estátua de Nossa Senhora da Fátima, benzida no Santuário pelo Senhor Bispo Auxiliar de Leiria. Havia outros grupos vindos da Espanha, da Inglaterra, da Alemanha, e peregrinos isolados de diversas nacionalidades. Uma senhora londrina, esposa de um político em destaque, protestante, estava nas bancadas entre os doentes e tinha declarado que não viera por si, mas sim por uma sua irmã e por essa é que recebia a bênção individual aos enfermos a fim de lhe obter a cura. Apesar de ser também muito doente, não era para si (ela, a fidelíssima observante da Reforma)

que viera implorar a protecção de Nossa Senhora da Fátima.

A missa oficial foi celebrada por S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. João Pereira Venâncio, Bispo Auxiliar de Leiria, que no final conduziu o Santíssimo Sacramento para a bênção individual aos enfermos e depois à multidão de fiéis que enchia a Basílica.

Nesta peregrinação incorporou-se um grupo de trinta pobres confiados às Religiosas de S. Vicente de Paulo e dois Sacerdotes da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, que fizeram a pé o percurso Lisboa-Fátima.

Mons. Marques dos Santos dirigiu as cerimónias ao microfone e no final, pediu aos peregrinos que o acompanhassem numa oração por alma da Sr.ª Olímpia de Jesus, mãe dos Videntes Jacinta e Francisco Marto, falecida em 3 de Abril, e por alma da Irmã Zeferina Rosa, da Casa de Nossa Senhora das Dores, falecida na manhã deste dia 13. Também o Senhor Bispo Auxiliar rezou com os peregrinos especialmente pelo bom resultado das eleições na Áustria, que nesse mesmo dia se realizavam.

A imagem de Nossa Senhora foi reconduzida processionalmente à sua capelinha. Os marítimos de Aveiro ofertaram-Lhe então muitas flores trazidas de seus jardins e deixaram uma placa de mármore, com o desejo de que perpetue no Santuário a homenagem que prestaram neste dia à sua especial protectora, Nossa Senhora da Fátima.

VISCONDE DO MONTELO

NOTA DA REDACÇÃO — No dia 13 de Abril, à noite, depois de ter tomado conta das cerimónias da peregrinação mensal, Visconde do Montelo, cronista da «Voz da Fátima» desde o seu primeiro número, foi acometido de hemiplegia, consecutiva a hemorragia cerebral. Durante dias permaneceu a gravidade do seu estado, que vai melhorando lentamente. Permite Nossa Senhora que o ilustre colaborador da «Voz da Fátima» desde a primeira hora, possa ainda continuar por largo tempo sua apostólico labor.

CRÓNICA FINANCEIRA

Um dos maiores malefícios que a revolução bolchevista trouxe ao mundo, e designadamente à Europa Ocidental, foi a segregação do grande mercado russo, a suspensão quase completa das transacções comerciais com os outros países europeus. A Segunda Grande Guerra, sujeitando ao regime comunista os chamados países satélites, agravou muitíssimo a situação dos países ocidentais, embora melhorasse muito a da Rússia. Estaremos em vésperas de alteração deste estado de coisas tão prejudicial para ambos os lados?

É inegável que o mundo comunista está a ser teatro de profundas alterações, cujo sentido e alcance são ainda mal conhecidos. Mas que lá se deu grande reviravolta, é evidente, pelo menos no que respeita aos ídolos. Estaline acaba de ser assassinado pela segunda vez e atrás da exautoração do monstro morto, outras se estão a seguir, mas estas de vivos. Os chefes dos partidos comunistas estrangeiros, mandatários de Estaline, estão a ser substituídos, com grande escândalo dos beócios, e não sem que as vítimas e os seus amigos respinguem. Dentro da própria U. R. S. S. o escândalo foi grande e os protestos chegaram a uma quase revolução no Cáucaso, terra natal do ditador. E tudo isto, que era de prever e com certeza foi previsto, não se provoca por fingimento. Só por motivos muito fortes, só por grande necessidade se envereda por tão arriscados caminhos.

Mas que motivos seriam esses? Para acabar com a ditadura de um e passar para a ditadura de vários, teria sido preciso eliminar a fera, mas não era preciso apelar o manipanso, ou os manipansos, que o servilismo dos súbditos erigira em sua honra. A não ser que os interesses criados em volta de Estaline sejam tão fortes, que os actuais senhores do Kremlin sintam a necessidade de uma depuração, a justificar

com o odioso de ter colaborado com o monstro.

É uma hipótese, mas que não explica a mudança de atitude, pelo menos aparente, para com os povos ocidentais. A política de Estaline levava inevitavelmente à guerra. Os Estados Unidos da América assim o entendiam e contaram com isso. A exautoração de Estaline seria a forma espectacular de fazer ver aos de fora que a U. R. S. S. renegava totalmente a sua política brutal, tanto interna como externa.

É claro que isto não significaria que os actuais senhores da U. R. S. S. renegavam os objectivos da política externa do ditador defunto, que têm sido os objectivos da Rússia desde Pedro o Grande, mas apenas que os procurariam alcançar por meios mais diplomáticos, de modo a tornar possível a coexistência pacífica e as relações comerciais e financeiras, como no tempo dos czares.

Se é este o fim em vista, o meio posto em prática é genial, porque dá um golpe formidável no fanatismo bolchevique, tanto dentro da U. R. S. S. como fora. E sem a liquidação deste fanatismo brutal e agressivo, a coexistência pacífica e as relações comerciais não seriam fáceis de realizar.

Diz-se que um dos fins da viagem de Bulganine e Khrushchev à Inglaterra, é pedir um empréstimo. Não nos parece coisa fácil, porque isso implicaria o reconhecimento das dívidas atrasadas, sem o que não teria sentido um empréstimo novo. Mas se assim suceder, isto é, se os dois magnates soviéticos lançarem a ideia de um empréstimo, destinado à compra de maquinaria inglesa, então o mistério da quebra do ídolo fica meio esclarecido.

Seja como for, algo de novo se está a passar na Rússia e é da lógica de todas as revoluções (e de uma nova revolução se trata) não pararem a meio do caminho.

OS SERVOS DE DEUS

FRANCISCO

Na terceira aparição o Francisco pareceu ser o que menos se impressionou com a vista do inferno, embora lhe causasse também uma sensação bastante grande.

O que mais o impressionava ou absorvia, era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma. Depois dizia:

— «Nós estávamos a arder naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus? Não se pode dizer! Isto, sim, que a gente nunca pode dizer. Mas que pena Ele estar tão triste! Se eu O pudesse consolar!...»

Já disse como ele passou o dia a chorar e a rezar, numa aflicção talvez maior que a minha, quando meu pai foi intimado a levar-me a Vila Nova de Ourém. Na prisão mostrou-se bastante animado e procurava animar a Jacinta nas horas de maior saudade.

Graças do Servo de Deus

D. Maria Luisa de Sousa Gonçalves, Sernade, Felgueiras, tendo perdido um objecto de ouro, de grande valor estimativo, recorreu com muita confiança ao Servo de Deus Francisco Marto, prometendo 20\$00 para a sua beatificação e publicar a graça. Cumpriu a promessa, muito reconhecida ao Servo de Deus.

D. Etelvina Rezende de Carvalho Pacheco, Lisboa, escreve: «Estando o meu filho doente, com temperatura elevada durante dois dias, recorri à intercessão do Francisco; a cura foi rápida».

Bernardino dos Reis Noronha, Dili, Timor, escreve: «Recorri à intercessão de Francisco Marto, com a promessa de enviar 100\$00 para a sua beatificação, se me sentisse aliviado de uma insuportável dor hepática de que sofria. Momentos depois de fazer o meu pedido, obtive mais do que desejava, pois não só fiquei aliviado, mas desapareceu por completo a dor, como se estivesse são...»

Agradecem graças e enviam esmolas

José Dias Bettencourt, Catofe, Quibala, 20\$00
D. Delfina Oliveira Bettencourt, Catofe, Quibala, 20\$
D. Maria das Dores Bettencourt, Catofe, Quibala, 20\$
Germano de Matos Bettencourt, Catofe, Quibala, 25\$
José Campos dos Santos, V. N. de Famalicão, 20\$00
D. Emília do Amparo Coelho, Parâmio, 20\$00
José Machado V. Camarada, Feteira, Terceira, 20\$00
D. Maria da Esperança Diniz, Feteira, Terceira, 20\$
D. Maria do Carmo Vieira, Feteira, Terceira, 40\$00
D. Maria de Jesus Pires, Feteira, Terceira, 20\$00
D. Maria Amélia Soares de Sousa, Feteira, 20\$00
D. Maria Eugénia da Silva, Feteira, Terceira, 10\$00
João Ivo da Silva Diniz, Feteira, Terceira, 20\$00

JACINTA

(Depois de ter dado a merenda às crianças pobres) pela tarde disse-me que tinha fome. Havia ali algumas azinheiras e carvalhos. A bolota estava ainda bastante verde; no entanto disse-lhe que podíamos comer dela. O Francisco subiu a uma azinheira para encher os bolsos, mas a Jacinta lembrou-se que podíamos comer da dos carvalhos, para fazer o sacrifício de comer a amarga, e lá saboreámos aquela tarde aquele delicioso manjar.

A Jacinta tomou este por um dos seus sacrifícios habituais. Colhia as bolotas dos carvalhos, ou a azeitona das oliveiras. Disse-lhe um dia:

«Jacinta, não comas isso, que amarga muito».

— «Pois é por amargar que o como, para converter os pecadores».

Não foram só estes os nossos jejuns...

(Das «Memórias» da Irmã Lúcia)

Graças da Serva de Deus

D. Carolina de Fontoura Ramos, Canelas do Douro, Poaires da Régua, tendo perdido o ouvido, no mês de Janeiro de 1955, recorreu à Serva de Deus Jacinta Marto a pedir a cura, e fez uma novena de rosários. Finda a novena, as melhoras eram nulas. Não desanimou, pedindo sempre a intercessão da Serva de Deus. Sucedeu então que, no mês de Setembro desse mesmo ano, acordou certa manhã a ouvir perfeitamente, sentindo-se curada.

D. Regina Xavier Martins, Runa, Torres Vedras, escreve: «Minha irmã, Antónia Martins, residente em Lisboa, Av. de Berne, 96, encontrava-se muito mal com várias complicações do aparelho digestivo. Chegámos a desanimar. Lembrei-me, então, de recorrer à Serva de Deus Jacinta, por meio duma novena, a pedir-lhe a cura da minha irmã. Tal graça foi alcançada, podendo ela continuar no seu emprego, o que ninguém já esperava».

Retiro para Diplomados

No dia 24 de Março principiou no Santuário o habitual retiro para Diplomados, promovido pela Direcção Nacional da Liga Católica. O retiro foi dividido em 2 turnos e nele tomaram parte 120 cavaleiros, entre eles Professores Universitários e do Liceu, engenheiros, advogados, juizes, oficiais do Exército, industriais, etc.. Foram conferentes os Revs. Padres Antonio de Magalhães, José Bacelar de Oliveira, Júlio Marinho e Celestino Pires, todos da Companhia de Jesus.

Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. D. João Pereira Venâncio dignou-se encerrar o retiro com a Santa Missa às 7 horas da tarde do dia 27, tendo dirigido palavras de agradecimento e incitamento aos exercitantes. Todos comungaram e no fim receberam a Bênção Papal.

É possível que com esta suceda o mesmo e que se venham a dar mudanças sensíveis também no campo religioso. Aos devotos de Nossa Senhora da Fátima não seria estranho esse sucesso... que Deus cose direito com linhas tortas.

PACHECO DE AMORIM

VINHO DE MISSA

À venda na Sucursal da Gráfica de Leiria na FÁTIMA
Praceta de S. José — Loja 43

51 MILAGRES em LURDES — além de mais mil e trezentas curas extraordinárias

Num estudo feito agora sobre os milagres de Lurdes, durante estes cem anos, verifica-se que apenas 51 casos foram reconhecidos pela Igreja como «milagres» enquanto 1.300 outros casos foram admitidos como sendo inexplicáveis «segundo as leis naturais e científicas». Outras 4.000 curas extraordinárias não foram consideradas como curas autênticas e completas, obtidas fora do curso normal das coisas.

FESTA DE S. JOSÉ

A exemplo dos anos anteriores, realizou-se no dia 19 de Março a festa de São José, Padroeiro dos Operários. Constatou esta de Missa cantada e sermão. Foi pregador o Rev. Cónego José Galamba de Oliveira. Um grupo de operários do Santuário cantou a missa («J. Rantil»), sob a regência do Rev. Sr. P.º António dos Reis, capelão da Basílica. Tocou o órgão o Sr. P.º Manuel António Henriques, professor do Seminário diocesano. Depois da missa, a Direcção do Santuário distribuiu uma merenda a todos os operários que tomaram parte na festa.

Mensagem de Amor

5. Verdades fundamentais: o Grande Mistério (4)

No estado de ignorância religiosa em que vemos mergulhada a sociedade contemporânea, é indispensável que, com Nossa Senhora da Fátima, nos ponhamos resolutamente a reensinar aos próprios cristãos as VERDADES FUNDAMENTAIS.

Na América do Norte, tem havido esforços nesse sentido, distribuindo pelos hospitais umas pagelas artisticamente apresentadas, as quais contêm um mínimo de exposição doutrinária e alguns actos. Por que não tentar o mesmo entre nós? (1) E não apenas para os doentes, mas para todos, espalhando-as, por exemplo, por ocasião das missões paroquiais. Os grandes missionários do passado engravavam-se por gravar profundamente na memória dos fiéis, por uma exposição simples muitas vezes repetida, as verdades fundamentais da nossa santa Religião. Lembra-nos agora o célebre P. Lejeune, que as repetia com zelo e vigor, de manhã e à noite, todos os dias que durava a Missão. Por mais distintos e exigentes que fossem os púlpitos a que subia, jamais se afastou desta prática. E embora pareça que o simples enunciado de verdades elementares deveria tornar aborrecida e insípida a sua pregação, pelo contrário, cada vez a tornava mais apreciada.

A apresentação em forma de oração, adoptada pelo texto inglês da América, conviria perfeitamente ao nosso povo. Inspirando-nos nesse texto — que julgamos, no entanto, dever ser completado, — resumimos, na oração a seguir, a substância de quanto levamos dito. Se nisso se puserem as condições necessárias e disposições firmes e sinceras, ela poderá não só permitir a um católico preparar-se devidamente para receber com fruto a absolvição, decidido a aperfeiçoar ou completar no futuro, como deve, a sua instrução religiosa, mas até poderá ajudar qualquer homem ignorante da verdade católica, mas com uma ignorância invencível, a obter a sua justificação.

«Creio num só Deus, que recompensa os bons depois da morte, levando-os para o Céu, onde O gozam numa felicidade sem fim, e que castiga os que morrem em pecado mortal, os quais são condenados às penas do inferno, onde ficarão para sempre privados da vista de Deus.

«Creio que há um só Deus em três Pessoas perfeitamente iguais: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; creio que o Pai é Deus, que o Filho é Deus, que o Espírito Santo é Deus, e que estas três Pessoas divinas, embora distintas, não fazem três Deuses, mas estão, pelo contrário, intimamente unidas numa só e mesma natureza divina, formando por conseguinte um só e único Deus.

«Creio que Nosso Senhor Jesus Cristo é o Filho de Deus feito homem, que tomou um corpo e uma alma semelhante à nossa e que é assim, simultaneamente, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

«Creio que Jesus padeceu e morreu na Cruz para nos resgatar do pecado, nos merecer o Céu e nos salvar do inferno.

«Creio que ressuscitou ao terceiro dia depois da sua morte, saindo vivo do sepulcro; que subiu ao Céu, onde reina assentado à direita do Pai, e que virá no fim do mundo a julgar os vivos e os mortos.

«Sim, creio em tudo isto, ó meu Deus, e creio firmemente; creio, seguro na vossa palavra, Mensagem contida na Bíblia e na Tradição, e cuja origem divina me é atestada por milagres e pelas profecias; creio em tudo o que Vós dissestes, só porque o dissestes, pois sois a mesma Verdade.

«Creio, Senhor, mas aumentai a minha Fé!
«E porque Vós me prometestes a vossa graça neste mundo, pelos méritos infinitos do meu Salvador Jesus Cristo, e no outro a vida eterna, se guardar os vossos mandamentos, espero com uma firme confiança esta esmola e esta glória, porque sois soberanamente fiel às vossas promessas.

«Ó meu Criador e meu Pai, estou pronto, para Vos agradecer, a cumprir a vossa Vontade; amo-Vos de todo o meu coração e sobre todas as coisas, porque sois infinitamente bom e digno de ser amado; e amo o meu próximo como a mim mesmo, por amor de Vós.

«Pequei muitas vezes, mas agora detesto e aborreço as minhas culpas; pesa-me sinceramente de Vos ter contristado e ofendido, a Vós, que sois sumamente bom, que sois o meu Criador e Senhor.

«Ponho tudo no pé da Cruz do vosso Filho Jesus, e tomo a firme resolução, com o auxílio da vossa divina graça, de nunca mais Vos ofender e de fazer penitência».

(1) De Antuérpia (Bélgica), enviada pelo Rev. Cônego A. Croegaert, recebemos uma elegante pagela, ainda mais resumida do que esta a que se refere Fr. Estanislau, e com a sugestão de se mandar imprimir em várias línguas e de as espalhar aos milhares na Fátima, que «é um centro ideal para este apostolado». Haverá alguma alma de boa vontade, que possa e queira proporcionar-nos a indispensável ajuda material?—N. da R.

I Semana de Estudos Bíblicos

Realizou-se na Casa dos Retiros do Santuário, de 8 a 13 de Abril, a primeira Semana de Estudos Bíblicos, organizada pelos Padres Capuchinhos portugueses.

Tomaram parte nos diversos trabalhos representantes de quase todas as Ordens religiosas e do Clero secular.

Abriu os trabalhos o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria, Dom João Pereira Venâncio, que teve palavras de louvor e de estímulo para com os Capuchinhos organizadores da I Semana Bíblica e para os sacerdotes que vieram assistir como expositores ou ouvintes, afirmando particularmente que a Mensagem da Fátima está na Mensagem da Bíblia e que entre as múltiplas actividades realizadas na Fátima faltava esta de tão grande importância.

Foram apresentados diversos trabalhos e estudos sobre a divulgação da Bíblia, por sacerdotes religiosos e seculares, trabalhos que foram seguidos por todos os participantes com o maior interesse.

Foi enviado em nome de todos um telegrama ao Santo Padre, a que Sua Santidade mandou responder enviando a sua Bênção Apostólica.

Os trabalhos encerraram-se no dia 13.

Semana Santa no Santuário

Com a solenidade própria destes dias, realizou-se no Santuário, na 5.ª e 6.ª feira e sábado santo, as cerimónias comemorativas da Paixão e Morte do Senhor. Na 5.ª feira celebrou-se missa às 6 horas da tarde e na 5.ª feira as cerimónias principiaram às 4 horas da tarde. Houve muita concorrência de fiéis e muitas pessoas receberam a sagrada comunhão nestes dias.

No sábado santo as cerimónias comemorativas da Ressurreição de Jesus principiaram às 11 horas da noite, terminando no domingo de Páscoa pelas 2 horas da madrugada.

Deram o seu concurso a estas cerimónias os professores e alunos do Seminário Diocesano.

Nos outros Seminários e Casas religiosas da Fátima realizaram-se idênticas cerimónias religiosas em honra da Paixão e Ressurreição de Jesus.

RETIROS

Diversos organismos da A. C. realizaram exercícios espirituais nestes dois últimos meses. Foram conferentes vários assistentes dos mesmos Organismos.

PALAVRAS DUM MÉDICO

A propósito da Cartuxa de Miraflores

Num artigo anterior, publicado na «Voz da Fátima» de Novembro de 1954 sob o título «De grandes ceias estão as sepulturas cheias», aludi à longevidade dos cartuxos, cuja sobriedade é bem conhecida. Ora o Senhor Bispo de Leiria teve a gentileza de me mandar uma carta, em que um monge português da Cartuxa de Nossa Senhora de Mougères (França) faz alguns comentários àquele meu artigo, que muito amavelmente diz haver lido com prazer.

Com o que se passa na sua Cartuxa de França confirma o que eu então escrevera. Efectivamente vivem ali 14 monges padres, dos quais seis têm de idade de 80 a 88 anos e de permanência na Ordem de 27 a 64 anos. Ele próprio já fez 73 e há 50 que está naquela Ordem.

É natural (acrescenta) que, sobretudo com 80 anos e mais de vida, haja as suas enfermidades. Mas dos seis padres, de 80 a 88 anos, só um já não celebra o Santo Sacrifício da Missa; porém, dois assistem cada dia a todos os ofícios conventuais e até a matinas, pela meia-noite, mesmo no Inverno, apesar do frio.

É realmente uma lição digna de meditar-se, verificar que os homens vivem tanto mais plenamente a vida — no que ela tem de espiritual e superior — quanto mais de si próprios se esquecem para servirem a Deus e ao próximo, numa renúncia completa e numa doação total.

Quando visitei pela primeira vez a Cartuxa de Miraflores, em Burgos, ao notar a tranquilidade do seu pequeno claustro, com o busto de S. Bruno cercado de flores e de perfume, disse-me o Irmão porteiro, apontando a porta (sempre fechada à chave) que dá acesso ao interior do mosteiro: «Passando-se aquela porta é que a paz é completa». E fez-me o elogio dessa vida de oração, de trabalho e de silêncio.

Quero agora rectificar alguns lapsos que me escaparam no referido artigo e que foram apontados na carta do monge da Cartuxa da Nossa Senhora de Mougères.

Primeiro, quanto aos jejuns. Para ser

preciso, eu deveria ter escrito: «Desde a festa da Santa Cruz (14 de Setembro) até à Páscoa, todos os dias são de jejum na Ordem, excepto Domingos e certos dias festivos e alguns dos não festivos».

E, em segundo lugar, não fui correcto na terminologia. Chamei *frade* ao porteiro que me atendeu, o qual, na realidade, é *monge*; e designei por *convento* a Cartuxa de Miraflores, em Burgos, a que, para ser preciso e falar com propriedade, deveria ter chamado *mosteiro*.

Na verdade, se em linguagem corrente *mosteiro* e *convento* são sinónimos, não o são em linguagem de Direito Canónico Regular. O nome próprio das casas em que vivem os cartuxos é o de *mosteiro*, porque eles não são frades, mas sim monges, e aos quais mais e melhor se adapta o significado da expressão, sobretudo aos padres, pois estes passam a maior parte do dia na solidão das suas celas, trabalhando e orando. É que o ponto principal da observância naquela Ordem é o da solidão.

Segundo elucidam alguns dicionários e enciclopédias, *mosteiro*, nos tempos antigos, significava propriamente cela ou aposento em que vivia um monge, ou *anacoreta*, só e separado de todos os que habitavam no mesmo deserto; e a casa ou casas em que viviam muitos em comunidade chamava-se *cenóbio*.

O único eremitério actualmente existente na Península, *Las Eremitas*, fica a sete quilómetros de Córdova. Ali (devo esta informação ao Dr. Xavier Coutinho) há apenas leigos, cada qual na sua cela, com vida e penitência tão rigorosas como nos primeiros séculos do Cristianismo.

Se este número da «Voz da Fátima» chegar também à Cartuxa de Nossa Senhora de Mougères, e o meu artigo cair debaixo dos olhos do monge que amavelmente comentou as minhas palavras a propósito da Cartuxa de Miraflores, peço-lhe que aceite os cumprimentos que de Portugal lhe envio, esperando que se lembrará de mim nas suas orações.

Hernâni Monteiro

MUSEU-BIBLIOTECA

A sua organização prossegue

Como se disse no último número, o trabalho da organização do Museu-Biblioteca tem prosseguido com regularidade. Trata-se, por enquanto, é claro, dos preliminares, do que há de mais simples, mas basilares.

Porque se trata de um museu-biblioteca, houve que inventariar tudo: livros, revistas, folhetos, recortes de jornais antigos, medalhas. Um trabalho colossal e anónimo que tem estado a ser feito com a maior simplicidade, em campanhas sucessivas, onde foi possível verificar um espírito de colaboração que talvez nunca mais possa ser excedido. Refiro-me, evidentemente, ao facto de terem colaborado entusiasticamente na inventariação várias Congregações religiosas femininas (Doroteias, Dominicanas, Imaculado Coração de Maria, Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima e Servas de Nossa Senhora de Fátima.)

As religiosas Doroteias levaram tanto a sério esta colaboração, que fizeram vir do Noviciado de Linhó (Sintra) a arquivista da Congregação, a fim de mais intensa e entusiasticamente cooperarem connosco. Raras vezes tão belo espírito de união e cooperação deve ter sido conseguido por várias Congregações a colaborar com senhoras da Liga Universitária Católica Feminina. Bem hajam todas. Que Nossa Senhora as abençoe por tanto que fizeram, por tanto que mereceram.

Mas historicamente. Logo após a criação do Museu-Biblioteca (juridicamente falando, é claro) pelo Senhor Bispo de Leiria, vários seminaristas do Curso Teológico de Leiria desbravaram a mole imensa das publicações existentes. Foram montes e montes a que eles deram uma ordem em aparente desordem. Trabalho das últimas férias grandes. A seguir, como tivessem de regressar ao Seminário, foram substituídos pelas Religiosas que, pela vez primeira, deram prova da sua boa vontade e... ganharam gosto pelo trabalho.

Quando chegou o Natal, foi já possível apelar para outros elementos e surgiram então as senhoras da Liga Universitária Católica Feminina, que começaram a trabalhar também. Esta campanha de trabalho e organização no Natal de 1955 ficou célebre para todos nós. E tão bom e tão agradável foi o trabalho realizado, que foi possível repetir o ensaio (2.ª campanha) por ocasião das férias da Páscoa últimas.

Foram assim verbetadas as mais complicadas publicações periódicas, reviu-se o verbeamento dos livros, agruparam-se os ex-votos, preparou-se o estudo das medalhas fatimistas que se vai enfrentado corajosamente. Os verbetes ali estão à espera de dedicações que não tardarão.

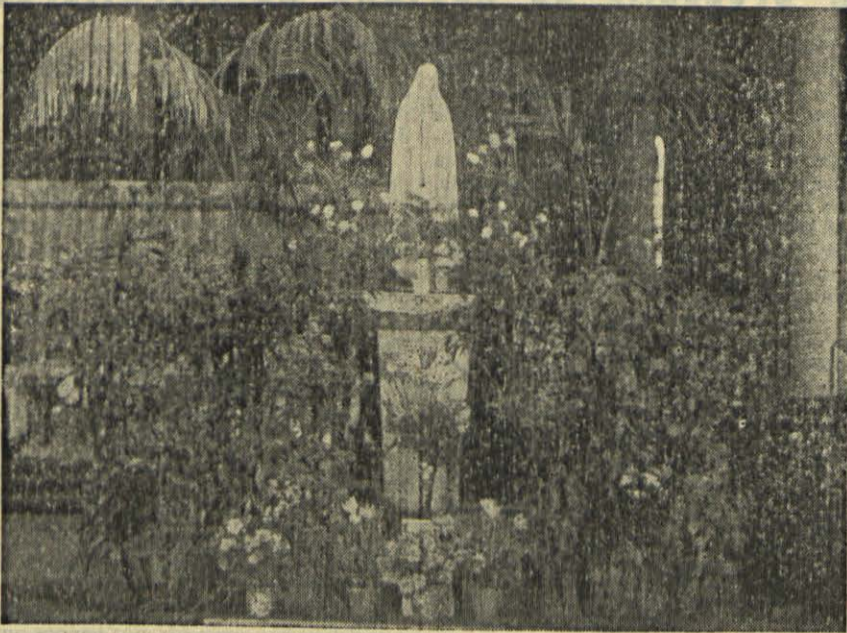
* * *

Está em constituição a Comissão Nacional que vai orientar todos os trabalhos. Já chegaram a Leiria as mais entusiásticas adesões, vindas de todos os quadrantes da vida intelectual e artística portuguesa.

Logo a seguir será organizada uma Comissão Nacional Feminina, que será a providência e o arrimo de uma ideia que Nossa Senhora já abençoou, o Senhor Bispo de Leiria louvou e programou e os amigos, todos os amigos do Santuário da Fátima vão efectivar.

CRONISTA X

Festa em honra de Nossa Senhora da Fátima na região de Paris



Por não estar ainda organizada, infelizmente, a assistência religiosa aos numerosos portugueses que trabalham na região parisiense, já há anos que se têm deslocado, por ocasião da Páscoa, alguns sacerdotes que procuram entrar em contacto com as famílias portuguesas que vivem nos arredores da grande cidade e atender de confissão os que o desejam fazer. Há reuniões preparatórias em Saint-Ouen, Issy les Molineaux, Breuillet e Brouillères de Sèvres, celebrando-se em todos estes locais a Santa Missa com a distribuição da Sagrada Comunhão aos portugueses que ainda se conservam fiéis à prática dos seus deveres religiosos.

Há três anos, Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria dignou-se oferecer uma linda imagem, que ficou a ser venerada no vasto templo de Notre-Dame du Rosaire em Saint Ouen, onde vive um numeroso núcleo de portugueses. Todos os anos, no fecho dos trabalhos da Missão Pascal, a colónia portuguesa costuma reunir-se em torno da veneranda imagem numa festividade que se reveste de enternecedora piedade.

A gravura representa a imagem colocada num plinto, à entrada da capela-mor, rodeada de muitas flores; no dia da festa os portugueses acenderam nos candelabros apropriados mais de uma centena de velas que testemunhavam a sua fé e devoção à sua excelsa Padroeira. E a branca imagem de Nossa Senhora parecia sorrir no seu trono, ao ver-se rodeada dos seus filhos estremeçados.

No dia 2 de Abril, segunda-feira de Páscoa, pela 15 horas, começaram a chegar vários grupos de famílias portuguesas que em breve encheram quase por completo a nave central do vasto templo. Depois da recitação do santo terço e da ladainha, foi celebrada a Santa Missa, acompanhada a cânticos e orações recitadas em português. Ao Evangelho, um dos sacerdotes portugueses proferiu uma alocução, exortando os seus compatriotas a permanecerem fiéis aos ensinamentos e às tradições dos seus maiores, cumprindo fielmente os seus deveres de vida cristã e conservando acendrada devoção à nossa boa Mãe do Céu, cuja imagem ali estava como centro de atracção e laço que a todos devia prender e unir. Os portugueses que ali se reuniam vinham aclamar e bendizer a sua Mãe celeste, e ao mesmo tempo implorar-lhe bênção e protecção para a sua vida, para o seu trabalho, para as suas famílias, para a pátria distante. No seu regaço maternal depositavam os seus anseios, as suas necessidades e também os seus propósitos de vida melhor.

No momento da Comunhão abeiraram-se da Sagrada Mesa um bom grupo de fiéis, — muitos já o tinham feito pela manhã. Não é sem viva comoção que os portugueses, alguns já afastados da pátria há longos anos, ouvem as orações e os cânticos que embalam a sua infância. Como suave perfume das rosas da nossa terra, as preces e os cânticos na língua materna evocam gratas recordações, avivam saudades, despertam ecos longínquos, são como uma nesga do nosso céu azul que se abre no seu espírito. Por isso, não é de admirar que muitos exteriorizem o seu entusiasmo, e declarem quanto desejariam que vivesse no meio deles um sacerdote português a quem pudessem recorrer, sobretudo nas horas de doença. Embora habituados a servir-se da língua francesa nas necessidades quotidianas da vida, não sabem rezar em francês e experimentam uma certa dificuldade em se integrarem na vida paroquial da França.

Em Lens, onde o Sr. António Alves é fervoroso e dedicado propagandista do culto de Nossa Senhora da Fátima, também foi celebrada a Santa Missa para um numeroso grupo de portugueses que se reuniram em torno da imagem de Nossa Senhora da Fátima, que ali se venera como Senhora dos portugueses.

No dia 25 de Março, realizou-se igualmente uma festa em honra de Nossa Senhora da Fátima na igreja de Notre-Dame de Gignancourt. Presidiu Mgr. Rupp, que se dignou dirigir palavras de paternal benevolência aos portugueses presentes.

AS «ALMINHAS» DA FÁTIMA

A intensificação da campanha portuguesíssima dos nichos de «Alminhas», tão ingenuamente populares, de tradição tão veneranda e multi-secular, tão substancialmente apregoadoras do dogma católico do Purgatório, terá, porventura, a sua coroação e consagração no nicho da Cova da Iria, local abençoado pela aparição da Mãe de Deus e púlpito da sua Mensagem ao mundo.

Fátima é local apropriado para um nicho de «Alminhas», pois é o lugar mundial de maior concentração regular de católicos. E os nichos são apelos da população do Purgatório aos fiéis da Igreja peregrinante, são gritos de súplica aos que as podem ouvir e socorrer.

Deter-se diante do nicho das «Alminhas» vai ser um acto complementar da visita ao Santuário.

A ardente apóstola das «Alminhas» que há anos se consome na propaganda infatigável desta cruzada lindíssima e lusiada, ao ver sua perseverança e confiança recompensada, a Ex.ª Senhora D. Sara Cardoso, a grande pioneira do movimento, a cujas integrais expensas se erige o esbelto monumentozinho das «Alminhas» da Fátima, vai exultar e, porventura, cantar o «Nunc dimittis...» de satisfação e gozo.

Que seus olhos, que já mal vêem, e seus ouvidos que deixaram de ouvir, possam receber a graça de se abrirem; ou, então, que sua imolação a aceite o Senhor, para acréscimo da glória de Maria e lucro das Benditas Almas. Amen.

FRANCISCO BABO

ECOS da Ressurreição

Pelo Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro
Arcebispo de Évora

RESPIRAM-SE ainda as alegrias do ciclo pascal. Por isso a Igreja continua a invocar jubilosamente a Senhora da Glória: Rainha do Céu, alegri-vos, Aleluia! porque o vosso Filho, Aleluia! ressuscitou, como prometeu, Aleluia! rogai a Deus por nós, Aleluia!

Assim a Santa Madre Igreja reconhece que as alegrias de Nossa Senhora são as alegrias de Jesus. É o que sucede sempre na vida. Mais do que os triunfos individuais, as mães vivem alvoroçadamente os triunfos dos seus filhos. Se lhes deram vida, deram-lhes igualmente o coração, onde se repercutem sem cessar as horas de júbilo por que eles passam. Desnaturados serão os filhos, se os sentimentos maternais lhes forem indiferentes.

Isto significa, afinal, que todos temos de unir-nos a Nossa Senhora, nas glórias da Ressurreição. Com isso nos unimos a Jesus, incorporando-nos profundamente na sua vida.

A íntima união da Mãe e do Filho nos mesmos sentimentos de alegria, supõe união igual nos sentimentos de dor. O sepulcro glorioso do Senhor, que venceu a morte, em certo modo é consequência do drama da Paixão. Em pequena e sugestiva parábola, ensinou Jesus que não pode germinar e frutificar o grão de trigo, se antes não for lançado à terra e apodrecer.

Ele próprio, que por natureza e por graça não estava sujeito ao sofrimento e à morte, por amor de resgate dos filhos pecadores, quis sofrer agonia inenarrável e consumir a obra redentora, expirando no alto duma cruz. Desse modo, observou a lei comum.

Como havia então Nossa Senhora de eximir-se à mesma lei? O próprio coração exigia que Ela percorresse os caminhos ensanguentados que o seu Filho percorreu. Porque, se as alegrias das mães são as alegrias dos filhos, também as

dores são comuns. Para gozar das glórias da Ressurreição, a Virgem Santíssima teve de sofrer as torturas do Calvário — Calvário longo e dramático, que se iniciou em Belém.

Paixão do Senhor, com-Paixão da Senhora, são exemplo e lição para todos. Tememos o sofrimento e com frequência procuramos evitá-lo. Não o conseguimos, e ainda bem, porque nele se encontra a forja mais eficaz da beleza moral, e a fonte pura da expiação que redime e da aproximação que cristifica. Por isso ensinam os livros santos que não há redenção, sem efusão de sangue.

Tem o seu quê de misterioso este laço entre a dor e a justificação. No entanto, pode desvendar-se em parte este mistério, se pensarmos na origem da ignorância, do sofrimento, da concupiscência e da morte. Entraram no mundo e no homem pelo pecado. Ora o pecado é indisciplina, é revolta, é orgulho. Para restabelecer o equilíbrio, tem o homem de disciplinar os seus pensamentos e as suas obras, de integrar-se, pela humildade, no quadro real que a verdade impõe, de submeter-se totalmente — e tal submissão é a vitória mais gloriosa — à santíssima vontade de Deus. Mas estas operações, aparentemente tão simples, na realidade costumam rios de sacrifícios. Mas com eles, o homem cresce até à justificação e à santificação, porque em sua alma brilha resplandecente a graça divina.

Por amor dos homens tomou o Senhor a sua cruz. Também por amor dos homens, e ainda por união íntima com o Filho, Maria sofreu dores tormentosas.

Por justiça, — quem de nós poderá dizer-se inteiramente inocente? — temos de escalar corajosamente a áspera montanha da vida. Mas no cimo do nosso Calvário resplandece, triunfal, a glória da Ressurreição.

PEREGRINOS ESTRANGEIROS

Principiaram a afluír ao Santuário os primeiros grupos de peregrinos estrangeiros deste ano.

Além de diversos grupos de espanhóis, estiveram 16 peregrinos belgas e franceses, com o P.º Albert Declerk, de Bailleau, diocese de Lille; um grupo de suíços com o P.º Hawillon, de Hespertal, o P.º Gabriel Abboud, do Egipto, o P.º José Fahué, da Síria, e 4 estudantes franceses de Paris.

No dia 4 veio ao Santuário um grupo de peregrinos de Toulouse sob a direcção do Padre Eyques, director do Rosário de Maria, e com a qual vinha o Rev. Don Urbain Séves, director do Centro de Música Sacra da Abadia de Encalcat. Estes peregrinos assistiram à Missa cantada na Basílica e realizaram a procissão com a imagem de Nossa Senhora.

No dia 10 rezou missa na Capela das Aparições o P.º Edmond Molnár, sacerdote jesuíta que esteve durante alguns anos na China, onde sofreu diversas perseguições dos comunistas.

A 6 visitou o Santuário o P.º Caudreau,

figura de relevo do clero francês e director do Instituto Superior de Catequese da Universidade Católica de Paris, que veio ao nosso País a convite da Federação dos Institutos Religiosos, tendo realizado várias conferências em Lisboa. O P.º Caudreau era acompanhado do Rev. P.º Demoutiez, companheiro da imagem «Peregrina» por diversos países.

A 6 chegou à Cova da Iria o Sr. Herman Strazinger, de 24 anos, operário electrotécnico de Insbruk, na Áustria, de onde partiu a pé em 1 de Fevereiro para uma peregrinação a Roma, Lourdes e Fátima, seguindo depois para a África do Sul.

Um grupo de espanhóis de Solano de los Barros (Badajoz) veio à Fátima, onde deixou uma lápida de agradecimento a Nossa Senhora. O Pároco desta localidade presidiu a diversas cerimónias. O Rev. P.º Juan Cintas rezou missa na capela das Aparições no dia 18.

Na primeira quinzena de Abril passaram pela Cova da Iria muitos outros peregrinos de diversos países, de que não foi possível tomar nota.